

A Variação *Nós/A Gente* no Falar Maranhense

The *Nós/A Gente* Variation In The Maranhense Speaking

Cibelle C Béliche Alves¹

Universidade Federal do Maranhão

Layane Sousa²

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Estudos que tomam como base a variante *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa do plural têm sido realizados em diversas comunidades de fala, com a intenção de investigar a variedade linguística falada no Brasil. Partindo dessa visão, este estudo busca investigar a variação no uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, no falar maranhense, tomando como base a análise de fatores linguísticos e sociais. A pesquisa se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2002 CEZARIO; VOTRE, 2008), na Dialectologia (CARDOSO, 2010) e nos apontamentos acerca do uso dos pronomes *nós* e *a gente*, (OMENA, 1996 [1978]; LOPES, 1993; RAMOS et al., 2009). O *corpus* foi extraído de 44 entrevistas do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, realizadas com falantes nativos de dez localidades, selecionadas de acordo com cinco mesorregiões maranhenses, distribuídos entre os fatores sexo, idade e nível de escolaridade. Os resultados indicam, no falar maranhense, uma visível tendência ao uso do *a gente* na posição de sujeito.

Palavras-Chave: Variação *Nós/A gente*. Geossociolinguística. Português Maranhense.

Abstract: Studies based on the variation of *a gente* as personal pronoun of the first person plural have been made in various speaking communities, with the intent of investigate the linguistic variety spoken in Brazil. On this assumption, this study searches to investigate the variety of the use of “*nós*” and “*a gente*” pronouns on the subject place in the maranhense manner of speaking, based on an analysis of linguistic and social factors. The research is founded on assumptions of Labovian Sociolinguistic (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2002 CEZARIO; VOTRE, 2008), on Dialectology (CARDOSO, 2010) and on the notes about the use of the *nós* and *a gente* pronouns, (OMENA, 1996 [1978]; LOPES, 1993; RAMOS et al., 2009). The corpus was extracted of 44 interviews of Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, made with native speakers of ten localities, chosen in accordance with five maranhense’s mesoregions, distributed between the factors of sex, age and level of education. The results assign, that in the maranhense speaking, there is a clear propensity for the use of “*a gente*” on the subject position.

Keywords: *Nós/A gente* Variation. Geossociolinguistics. Maranhense Portuguese.

¹ Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: cibellebeliche@yahoo.com.br.

² E-mail: layane.sousa2113@gmail.com.

Submetido em 10/12/2019.

Aprovado em 19/03/2020.

Introdução

Muitos são os estudos que vêm contribuindo para o entendimento dos fenômenos morfossintáticos responsáveis pela variedade linguística falada no Brasil. Pesquisas que tomam como base a variante *a gente*, como pronome pessoal de primeira pessoa do plural, têm sido realizadas em diversas comunidades de fala, a fim de apresentar resultados do uso da variante tanto na fala culta, quanto na fala rural ou até mesmo popular.

No âmbito do Português Brasileiro (PB), a variação de uso do pronome pessoal de primeira pessoa configura-se como uma variável com diversas variantes. Estudos como o de Omena (1996 [1986]) e Lopes (1993) enfatizam que no português considerado “padrão” há alternância no uso da forma *a gente* no lugar de *nós*, e que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Convém ressaltar que algumas gramáticas brasileiras e manuais didáticos usados como modelo para o ensino de língua portuguesa trazem apenas o pronome reto *nós*, os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* e os pronomes possessivos *nosso(a)(s)* para referenciar a primeira pessoa do plural. Enquanto o pronome *a gente* não tem a mesma visibilidade, sendo apresentado apenas em notas de rodapé e/ou pequenos comentários.

Sendo assim, o presente artigo objetiva investigar a variação de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, tomando como base a análise de fatores linguísticos e sociais com a finalidade de verificar a situação de concorrência e de co-ocorrência entre esses pronomes no falar maranhense.

Para tanto, escolhemos para desenvolver este estudo dados de fala de 44 entrevistas realizadas pelo Projeto ALiMA, com falantes nativos das localidades que compõem a rede de pontos do atlas, distribuídos por sexo, idade e nível de escolaridade.

O estudo seguiu, portanto, as orientações da Sociolinguística laboviana, com ênfases nos trabalhos de Labov (2008 [1972]), Tarallo (2002), Cezario e Votre (2008), na Dialetoologia Cardoso (2010) e nos apontamentos acerca do uso dos pronomes *nós* e *a gente*, com Omena (1996 [1978]), Lopes (1993) e Ramos *et al.* (2009).

1. *NÓS* x *A GENTE*: alguns apontamentos

Como já assinalado em outros estudos sobre *nós* e *a gente*, a maioria das gramáticas tradicionais e dos manuais de língua portuguesa não têm a preocupação em incluir o *a gente* no quadro pronominal do PB. Em seu estudo, Omena (1996 [1978]) e Lopes (1993) salientam que, por volta dos séculos XVII e XVIII, a forma nominal *gente* passa pelo processo de gramaticalização, perdendo os traços de gênero [+ feminino], e ganhando traços de [+ pessoa], podendo ser relacionado com adjetivos tanto no masculino quanto no feminino.

Outros estudiosos da língua, principalmente das gramáticas normativas, demonstraram seu ponto de vista a respeito do uso do *a gente*. Bechara (1966), por exemplo, salienta que “o substantivo *gente* precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa.” (BECHARA, 2019 [1961], p. 100). Cunha e Cintra (1999) afirmam que essa variante é vista como “forma de representação da 1ª pessoa” (CUNHA; CINTRA, 1999, p.214), pois, considerando a variedade coloquial, há concorrência e co-ocorrência com o pronome *nós*, e em alguns casos, também ocupando espaço do pronome *eu*.

É pertinente destacar que, no Brasil, este fenômeno vem sendo investigado por diferentes estudiosos. Omena (1996 [1978]) é considerada a pioneira no que tange à variação de primeira pessoa do plural. Sua pesquisa tomou como base dados de fala do Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro – Projeto Censo e investigou a fala coloquial de 48 informantes, estes divididos por sexo, faixa etária e nível de instrução. A autora levantou a hipótese inicial de que a forma *a gente* era usada como substantivo coletivo, fazendo referência ao um grupo de seres humanos. Conforme o uso da forma atribuiu-se o artigo “a” e a palavra já não possuía seu significado original, deixando evidente sua mudança semântica e gramatical, ou seja, passando a ter espaço no lugar da 1ª pessoa do plural, e, conseqüentemente, concorrendo com o pronome *nós*.

Lopes (1993) propôs investigar o uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito, tomando como base dados de fala de três capitais brasileiras – Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador – integrantes da rede de pontos linguísticos do acervo do grupo de pesquisa Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro – NURC. Menon (1995), em seu estudo aponta que o sistema pronominal do Brasil vem passando por mudanças, e que muitas vezes, essas mudanças podem ser consideradas por gramáticos e educadores como equívocos no ensino da língua.

No Maranhão, *locus* desta pesquisa, temos até o momento apenas os trabalhos Ramos *et al.* (2009) e uma pesquisa em andamento³ no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras da UFMA. Em Ramos *et al.* (2009), podemos já constatar o sensível uso de *a gente* em detrimento de *nós* na fala dos ludovicenses. Para os autores, “a variante ‘nós’ encontra na expressão ‘a gente’ uma série concorrente, [...] [variante essa que] não chega a ser estigmatizada pela escola, logo não é alvo de correção.” (RAMOS *et al.*, 2009, p. 289)

2. Procedimentos metodológicos

Conforme mencionado, nossa amostra é composta por dados de fala de informantes pertencente ao atlas de abrangência estadual, o ALiMA, um projeto afiliado ao Atlas Linguístico do Brasil – ALiB⁴, cujo objetivo é fazer um mapeamento do português falado no Maranhão, com vista a descrever a realidade linguística numa perspectiva diatópica.

O ALiMA conta com uma rede de pontos linguísticos formada por 16 municípios maranhenses⁵, contemplando as cinco mesorregiões em que se divide o Estado. Para esta pesquisa, selecionamos 10 destes municípios (*cf.* Quadro 1), com

³ Pesquisa de mestrado, intitulada “*Nós ou A gente? O uso dos pronomes de primeira pessoa do plural no Maranhão*”, de autoria de Elimária Oliveira Lima, sob orientação da profa. Dra. Cibelle Béliche.

⁴ O ALiB é um projeto de abrangência nacional que objetiva fazer um mapeamento do português falado no Brasil, considerando os diferentes níveis da língua: fonético-fonológico, morfossintático, semântico lexical e prosódico.

⁵ Inicialmente, foram selecionados 18 municípios para compor a rede de pontos do ALiMA. Entretanto, no decorrer da pesquisa, a coordenação do ALiMA decidiu excluir duas localidades – Maracaçumé (MA06), porque já estava incluso na região compreendida por Turiaçu, e Santa Luzia (MA15), por se tratar de um município mais novo, criado com o desmembramento de Pindaré-Mirim, espaço geográfico já contemplado pelo ponto MA16, correspondente a Bacabal.

vistas a observar o fenômeno da alternância de uso dos pronomes *nós* e *a gente* no Maranhão. Para codificação das localidades, foi atribuído um número a cada uma delas, que é antecedido pela sigla MA, como explicitado no Quadro 1.

Quadro 1 – Localidades selecionadas para a pesquisa

LOCALIDADES PESQUISADAS		
Mesorregião	Microrregião	Município
<i>Norte</i>	Aglomeração Urbana de São Luís	São Luís – MA01
	Baixada Maranhense	Pinheiro – MA03
<i>Centro</i>	Médio Mearim	Bacabal – MA16
	Alto Mearim	Tuntum – MA18
<i>Oeste</i>	Gurupi	Turiaçu – MA04
<i>Leste</i>	Chapadinha	Brejo – MA13
	Baixo Parnaíba Maranhense	Araioses – MA14
<i>Sul</i>	Porto Franco	Carolina – MA08
	Gerais de Balsas	Balsas – MA09
		Alto Parnaíba – MA10

Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito do perfil dos informantes, o ALiMA considera quatro informantes por localidade investigada, com exceção da capital do Estado, São Luís, que conta com dados de fala de oito informantes, uma vez que nesta localidade considera-se um segundo nível de escolaridade: ensino superior.

Os informantes do ALiMA foram selecionados com base no perfil descrito a seguir: sujeitos de ambos os sexos, distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos – e dois níveis de escolaridade – ensino fundamental incompleto e ensino superior completo na capital. Têm de ser naturais da localidade pesquisada, não tendo dela se afastado por mais de um terço de suas vidas, e seus pais devem ser, preferencialmente, naturais da mesma localidade.

Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, o ALiMA os codifica da seguinte forma: aos informantes do sexo masculino atribui-se números ímpares e aos do sexo feminino, números pares; os números de 1 a 4 correspondem aos sujeitos que cursaram ou cursam o ensino fundamental, e os de 5 a 8, aos sujeitos com formação superior. Com relação à faixa etária, os números 1, 2, 5 e 6 correspondem aos sujeitos mais jovens (faixa etária I), e os números 3, 4, 7 e 8, aos mais idosos (faixa etária II).

Nesse sentido, para compor nossa amostra, selecionamos dados de 44 sujeitos, sendo oito de São Luís e 36 divididos igualmente entre as demais localidades, como mostra o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, segundo o perfil do ALiMA

	SÃO LUÍS				DEMAIS LOCALIDADES	
	Ensino Fundamental		Ensino Superior		Ensino Fundamental	
<i>Escolaridade</i>						
<i>Sexo</i>	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>Faixa etária I (18 a 30 anos)</i>	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 1	Inf. 2
<i>Faixa etária II (50 a 65 anos)</i>	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 7	Inf. 8	Inf. 3	Inf. 4

Fonte: Elaborado pela autora.

O *corpus* foi selecionado com base nos dados de fala que compõem o banco de dados do Projeto ALiMA, obtidos por meio da aplicação dos questionários – Questionário Fonético-Fonológico – QFF, Questionário Semântico-Lexical – QSL, Questionário Morfossintático – QMS; Questões de Pragmática – QP; Temas para Discursos Semidirigidos – TDS e Perguntas Metalinguísticas – PM, que possibilitam o estudo de diversos fenômenos linguísticos em todos os níveis de análises.

Como este trabalho investiga o uso dos pronomes *nós/a gente*, variante de natureza morfossintática, consideramos, inicialmente, os dados coletados por meio dos TDS, que se configuram como relatos pessoais, ou seja, discursos livres. No decorrer da análise constatamos que eles não nos forneceriam dados suficientes para a pesquisa e decidimos, portanto, investigar a alternância dos pronomes em toda a entrevista.

3. *NÓS x A GENTE: o que dizem os dados*

Visando demonstrar o número de ocorrências totais quanto ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* no espaço maranhense, adotamos o programa computacional GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

Na tabela 1, apresentamos as ocorrências das variantes *nós* e *a gente*, registradas nos 44 inquéritos das 10 localidades investigadas:

Tabela 1 – Distribuição geral dos dados

Variantes	Nº de Ocorrências	%
<i>Nós</i>	448	30,8%
<i>A gente</i>	1008	69,2%
Total	1456	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Após a rodada os dados no programa, constatamos que das 1456 realizações encontradas na fala de maranhense, 1008 foram para o uso do pronome *a gente*, representando o percentual de 69,2%, contra 448 para o pronome *nós*, totalizando 30,8%.

Conforme o exposto na Tabela 1, observamos que nossos dados corroboram com os de outros estudos sociolinguísticos (OMENA, 1996; LOPES, 1996; FERNANDES, 2004; RAMOS *et al.*, 2009; NASCIMENTO, 2013), em que a variante inovadora *a gente* é a mais preferida entres os falantes maranhenses, e que seu uso vem ganhando cada vez mais o lugar do pronome *nós*.

Tendo em vista que o foco de nossa pesquisa é uma análise geossociolinguística da variação de uso dos pronomes *nós* e *a gente*, enfocaremos a seguir as realizações desse fenômeno considerando os fatores selecionados.

3.1 Fatores sociais

Baseados nos demais trabalhos já realizados acerca do fenômeno da variação de uso dos pronomes *nós* e *a gente* no PB (OMENA, 1996; FERNANDES, 2004; LOPES, 1993, RAMOS *et al.*, 2009; SANTOS, 2014), selecionamos para nossa análise os fatores sociais *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Estes, conforme rodada estatística, também se mostraram relevantes para a variação do *nós/a gente* no falar maranhense. Convém dizer que, para obter o peso relativo (PR)⁶, fizemos inicialmente uma rodada geral para verificar a frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Com a

⁶ O peso de um fator é calculador pelo GoldVarbX, com base em um conjunto de dados, que indica o efeito desse fator sobre o uso da variante investigada nesse conjunto.

ocorrência de *nocautes* no fator *Tempo Verbal*, resolvemos excluir os tempos verbais futuro do indicativo, futuro do subjuntivo e, ainda, as formas identificadas no gerúndio devido à baixa ocorrência. Os resultados que seguem consideram a nova rodada binária dos dados, tendo como regra de aplicação o emprego da variante *a gente*. Considerando os fatores sociais, apresentamos na Tabela 2, a seguir, os resultados encontrados.

Tabela 2 – Efeito dos fatores sociais sobre ao pronome *a gente*

Grupo de Fatores	Fatores	Ocorrências/Total	Peso Relativo
<i>Localidade</i>	Turiaçu	235/1008	0.66
	Carolina	50/1008	0.65
	São Luís	292/1008	0.62
	Balsas	30/1008	0.52
	Brejo	51/1008	0.50
	Pinheiro	164/1008	0.49
	Araíoses	64/1008	0.49
	Alto Parnaíba	19/1008	0.32
	Bacabal	33/1008	0.24
	Tuntum	65/1008	0.16
			Range: 0.50
<i>Sexo</i>	Mulher	377/1008	0.75
	Homem	631/1008	0.38
			Range: 37
<i>Faixa Etária</i>	Faixa I	417/1008	0.43
	Faixa II	591/1008	0.55
<i>Input:0.74</i>	Significância: 0.000	Range: 12	
<i>Escolaridade</i>	Ensino Fundamental	100/292	0.26
	Ensino Superior	192/292	0.67
<i>Input:0.88</i>	Significância: 0.001	Range: 41	

Fonte: elaborado pela autora

No *Fator Localidade*, constatamos, após a segunda rodada binária, agora sem *nocautes*, que o município de Turiaçu, com PR 0.66, Carolina, com PR 0.65, e São Luís, com PR 0.62, são as localidades que tiveram maior PR, e conseqüentemente, as que mais fizeram uso do *a gente* em posição de sujeito. É um resultado interessante quando observamos que as frequências médias de *a gente* estão polarizadas em São Luís, capital do Estado; em Carolina, localizado ao Sul do Estado, e em Turiaçu, localizado à Oeste do Estado. Enquanto o *nós*, parece-nos mais “preservado” nos municípios localizados

na parte central do Estado já que Tuntum e Bacabal, ambas localidades do Centro Maranhense, apresentam-se com menor PR para a variante *a gente*: 0.16 e 0.24, respectivamente.

Em relação ao *Fator Sexo*, notamos que os sujeitos do sexo femininos tendem a fazer mais uso do pronome *a gente* (0.75), enquanto os homens inclinam-se à variante *nós* (0.38). A diferença fica bem evidente quando verificamos que o *range*⁷ dos PR resultou em 37. Esses números indicam que a variante *a gente* está sendo cada vez mais aceita e utilizada pelos falantes.

Embora tenha constatado maior recorrência na fala das mulheres, os homens também fazem uso da variante inovadora. Percebemos que os resultados contradizem, em parte, o que postula a Sociolinguística Variacionista – as mulheres tendem a usar a forma padrão com mais frequência que os homens. Isso acontece porque é cobrado da mulher um comportamento que esteja em conformidade com as normas sociais, principalmente, no que se refere ao seu comportamento linguístico. Por conta dessa cobrança social, ela teria maior preocupação em reproduzir as formas linguísticas consideradas de prestígio, dentro de sua comunidade de fala (CEZARIO; VOTRE, 2008). Por outro lado, a teoria sociolinguística confia e atribui à mulher o papel de propulsora da variante não-padrão em casos de mudança linguística (LABOV, 2008 [1972]). Assim sendo, esse resulta indica que, estando a forma inovadora *a gente* na fala das mulheres, é possível que essa variante, nas localidades maranhenses investigadas, esteja avançando para um estágio de mudança em curso.

Tarallo (2002) afirma que “Para atestar a mudança em progresso [...] é necessário que as variantes sejam correlacionadas aos diversos grupos etários: maior incidência nas faixas mais jovens e menor frequência nas mais velhas” (TARALLO, 2002, p.65-66). A respeito da *Faixa Etária*, constatamos que o uso do *a gente* foi mais favorecido na faixa II, com PR 0.55, do que na fala de pessoas mais jovens, com PR

⁷ A respeito do *range*, convém dizer que “A força [de uma variável] é medida pelo range, que é então comparado com os ranges dos outros grupos de fatores significativos. O *range* é calculado subtraindo-se o peso mais baixo mais baixo do peso mais alto. Quando estes números são comparados para cada um dos grupos de fatores de uma análise, (a diferença de) número mais alto identifica a restrição mais forte. O número mais baixo identifica a restrição mais fraca [...] *range* (ou a magnitude do efeito) nos permite situar um grupo de fator em relação a outro. Ele também pode ser usado para comparar a gramática variável dos traços linguísticos entre as análises” (TAGLIAMONTE, 2009, p.242)

0.43. Os resultados aqui apresentados nos revelam que, embora os dados das duas faixas etárias tenham tendências a um padrão linear, foram os falantes com mais de 50 anos que mais utilizaram a forma inovadora, nos dando indícios do percurso da variante *a gente* na comunidade de fala maranhense. Ou seja, parece-nos que, independente da mudança de idade, é o *a gente* a forma usada com frequência entre os falantes.

Por fim, constatamos que nossos dados não corroboram as postulações labovianas de que as variantes inovadoras são mais comuns na fala de pessoas mais jovens (TARALLO, 2002).

Antes de tecer algumas considerações a respeito dos resultados encontrados nesse estudo sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* em relação à escolaridade, primeiramente, é importante frisar que a abordagem quanto ao uso desses pronomes não é apresentada de forma explícita aos alunos da educação básica. Logo, construções como “*A gente vamos*” e/ou “*nós vai*” tornam-se estigmatizadas. Entretanto, mesmo não compondo o quadro pronominal da maioria dos livros didáticos, o *a gente* representa a variante mais utilizada no PB, como já apontado em alguns estudos (OMENA, 1996; FERNANDES, 2004; LOPES, 1993, RAMOS *et al.*, 2009; SANTOS, 2014).

Partindo desse ponto, alguns estudiosos da língua asseguram que quanto mais escolarizado o indivíduo for, mais propenso a usar a variante padrão. Sendo assim, como já assinalado, investigamos o fator escolaridade apenas em São Luís, já que é a única localidade que permite observar dois níveis escolares – ensino fundamental e superior.

Para obter os resultados referentes à escolaridade, tivemos que fazer uma rodada específica com apenas dados de São Luís. Após a rodada, constatamos que a maior frequência de uso do *a gente* foi para falantes com até o ensino superior, com PR 0.67, diferentes dos sujeitos com o ensino fundamental, que registraram o PR 0.26. Esse resultado se torna mais evidente quando averiguamos que o range resultou em 41.

Embora os resultados tenham se inclinado para o uso do *nós* na fala de pessoas menos escolarizadas, notamos que esse *nós* está relacionado, em sua maioria, à falta de concordância verbal.

3.2 Fatores linguísticos

Assim como os fatores sociais, achamos pertinente investigar os fatores linguísticos, visto que esses também se configuram como tradicionais no que tange os estudos sobre os pronomes *nós* e *a gente*. Nesse sentido, selecionamos para esta pesquisa os seguintes fatores: Paralelismo Formal e Tempo verbal.

Tabela 3 – Efeito dos fatores linguísticos sobre ao pronome *a gente*

Grupo de Fatores	Fatores	Ocorrências/Total	Peso Relativo
<i>Tempo Verbal</i>	Presente do Indicativo	858/1005	0.50
	Pretérito Perfeito do Indicativo	16/1005	0.86
	Pretérito imperfeito do indicativo	123/1005	0.40
	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	26/1005	0.21
			Range: 65
<i>Paralelismo Formal</i>	Primeira referência numa sequência	35/1008	0.43
	Forma isolada	915/1008	0.48
	Forma antecedente <i>a gente</i>	55/1008	0.93
	Forma antecedente <i>nós</i>	3/1008	0.45
<i>Input:0.74</i>	Significância: 0.000	Range: 0.50	

Fonte: elaborado pela autora.

Estudos como o de Omena (1996 [1978]) e Lopes (1993) salientam que o presente do indicativo favoreceria o intercâmbio entre as formas *nós* e *a gente*, entretanto, a preferência de uso seria para a variante *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo facilitariam a presença o pronome *nós*, logo, esperamos que o uso do *a gente* seja mais desfavorecido no tempo futuro. Lopes (1993, p. 73-74) afirma que

“[...] ao narrar um acontecimento, refere-se a um evento passado (marcado temporal e cronologicamente), além de determinar as pessoas envolvidas na ação narrada. Conseqüentemente, há um favorecimento à presença de nós: narração = referente [+determinado], [+tempo], [+saliência]. Em contrapartida, ao descrever ações habituais ou frequentes, o falante não marca temporalmente seu discurso, nem determina os agentes envolvidos e, por

isso, o emprego da forma *a gente* é mais usual: descrição = referente [-determinado], [-tempo], [-saliente].”

Como já dito, com a primeira rodada no programa, observamos que houve nocaute em dois tempos verbais: futuro do indicativo e futuro do subjuntivo. Assim, para que fosse possível gerar os PR foi necessário excluí-los, cerca de três ocorrências, daí a impossibilidade de verificarmos se realmente o tempo futuro não influenciaria o uso do *a gente*. Além disso, excluímos também o tempo verbal *Infinitivo Pessoal*, devido o baixo número de ocorrências, sendo registrados apenas seis.

Na segunda rodada, sem nocautes, constatamos que o uso do *a gente* foi mais favorecido no pretérito perfeito do indicativo, com PR 0.86, do que no pretérito imperfeito do indicativo, com PR 0.40. Outro tempo verbal que se mostrou relevante foi o infinitivo pessoal, com PR 0.74. A diferença fica bem evidente, pois tem o range 0.65.

O maior PR, no caso, pretérito perfeito do indicativo, se justifica porque os falantes, em sua maioria, narram casos passados ou de experiências pessoais passadas, trechos da entrevista em que se obtém maior número de ocorrências do fenômeno. No entanto, os resultados aqui apresentados não corroboram com a hipótese defendida pelas autoras.

A respeito do *Paralelismo formal* é apontado por alguns estudiosos (OMENA, 1996 [1978]; LOPES, 1993) como um dos fatores mais relevantes quanto ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito. Acreditamos que, numa mesma sequência discursiva, há possibilidade de manutenção da forma, e quando houvesse a mudança de referente, a forma também se modificaria. Lopes (1993) afirma que “É como se o falante ‘optasse’, num processo cognitivo, por repetir a mesma forma enquanto mantém o mesmo referente, ao passo que mudará quando o referente for outro”. (LOPES, 1993, p. 42)

Assim, tomando como base o exposto, lançamos mão da seguinte hipótese: quando houver o uso do *nós* ou do *a gente* no começo de uma sequência discursiva, a primeira forma mantém-se empregada.

Notamos que esse fator favoreceu o uso de formas antecedentes ao pronome *a gente*, sendo registrado PR 0.93. Confirmamos esse resultado por meio do range que computou 0.50. Esses resultados ratificam que os falantes, ao fazerem uso da forma *a*

gente, tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva, conforme exposto no exemplo a seguir, retirado de nosso *corpus*.

Exemplo (1)

INQ. – Como é o lugar onde você/ o(a) senhor(a) trabalha? Fale um pouco sobre esse lugar.

INF. – É lá na escola, que D. Nilza é diretora. Lá é uma escola boa, né? **A gente** fica lá da hora que **a gente** chega, aí eu chego, abro a escola, aí eu fico lá que na hora que u chego o primêro serviço **a gente** abre a escola, depois **a gente** vamo alimpá as salas, limpá por lá por onde tive sujo. (MA02/4)

Observamos que o primeiro uso do *a gente* ocorre na sentença “**A gente** fica lá da hora que **a gente** chega”. Logo em seguida, vemos que a informante mantém o mesmo paralelismo para a construção “...**a gente** abre a escola, depois **a gente** vamo alimpá...”. Independente de qual pronome foi usado, percebemos que nossa hipótese é confirmada, principalmente porque o falante faz uso da variante inovadora, o *a gente*.

Considerações finais

A alternância de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito têm sido estudadas nos mais variados campos de análises. Buscamos, por meio desta pesquisa, expandir os conhecimentos acerca desse fenômeno morfossintático, principalmente no que concerne a variedade falada no Maranhão. Assim, chegamos aos seguintes achados:

- *Fator localidade*: o *a gente* (PR 0.66) foi mais recorrente em Turiaçu que, a nosso ver, pode ter seu uso justificado via diatopia da região. Dados histórico-geográficos situam Turiaçu, até o ano de 1833, sob o domínio do Estado do Pará que, convém citar, tem a variante *a gente* como primeira opção (cf. SILVA, 2011). Contudo, falta-nos descrições regionais mais completas para responder quais os condicionamentos sociais e linguísticos estão norteando a variação da primeira pessoa do plural, sobretudo, na região Norte do país.
- *Fator sexo*: as mulheres, com PR 0.72, favoreceram mais o uso do *a gente*, do que os homens, contrariando as postulações laboviana de que as mulheres estão mais propensas a preservar a linguagem e optam pelas formas de prestígio;

- *Fator faixa etária:* notamos que a faixa II (PR. 0.55) favorece o uso da variante inovadora, o *a gente*. O fato de haver maior registro do pronome *a gente* na faixa II segue uma direção contrária do que é na teoria laboviana.
- *Fator escolaridade:* em São Luís, a maior frequência de uso do *a gente* foi computada na fala de pessoas com maior grau de escolaridade, representando o pelo PR 0.83;
- *Fator tempo verbal:* o uso do *a gente* foi mais favorecido no Pretérito Perfeito do Indicativo, com PR 0.86, corroborando a hipótese de Omena (1996 [1978]).
- *Paralelismo formal:* esse fator favoreceu o uso de formas antecedentes ao pronome *a gente*, sendo registrado PR 0.93. Confirmamos a hipótese apresentada neste estudo.

Conforme o exposto, percebemos que estudos como este nos mostram que os fenômenos linguísticos não devem ser analisados somente pelos fatores sociais, mas também pelos fatores linguísticos. Gostaríamos de reforçar que os resultados aqui apresentados devem ser encarados como tendências, dada à limitação de nosso *corpus*, e que nossos resultados contribuirão para uma melhor compreensão do português falado no Maranhão.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005 [1966].

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004.

LABOV, William, *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e A gente no Português Falado Culto do Brasil*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1993.

MENON, Odete Pereira da Silva. *O sistema pronominal do português*. In: Letras, Curitiba, n. 44, p. 91-106. Editora da UFPR.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. *Nós e A gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2013.

OMENA, Nelize Pires de. A referência á primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 183-215.

RAMOS, Conceição; BEZERRA, José; ROCHA, Maria. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. *Nós e a gente um retrato do português popular de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, 2014.

SANTOS, Kelly Carine dos. Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SILVA, Lia Barile C. da. *Nós/a gente: variação e mudança*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Belém: Universidade da Amazônia, 2011.

TARALLO, *Fernando*. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2002.